**A Oração do Coração[[1]](#footnote-1)**

**- Parte I -**

*Por um Cartucho*

**1 – PRÓLOGO**

Há alguns anos foi-me solicitado falar sobre a oração do coração, apresentando, então, minha pronta negativa, pelo receio de falar sobre um tema que não dominava. Com o passar do tempo e ao adquirir alguma experiência por intermédio de uma busca pessoal do Senhor, decidi compartilhar algumas reflexões sobre o assunto, rogando, porém, condenscendência a respeito.

Já é sabido que a oração do coração é fruto da grande experiência da espiritualidade da Igreja Oriental. Porém, minhas reflexões, em que pese os pontos em comum com essa tradição, tem um destacado toque pessoal. Assim sendo, receio que a minha fala talvez não aborde a verdadeira oração do coração, pois não tendo a intenção de desenhar uma rígida imagem ou uma estrutura estável da oração em tela. Buscarei, entretanto, indicar um caminho a seguir, sem me antecipar, exatamente, onde chegar. A oração do coração não é um objetivo para ser atingido, mas sim uma maneira de ser, uma maneira de ouvir e avançar.

Solicito, porém, antes de iniciar sua leitura, que ore e peça ao Espírito do Senhor que nos ilumine a todos nós.

**2 – ABBA, SANTIFICADO SEJA O TEU NOME**

Quando me ponho a rezar, não me dirijo ao Deus dos filósofos, tampouco, ao Deus dos teólogos. Dirijo-me ao meu Pai, ou melhor, ao nosso Pai, para ser mais exato, dirijo-me àquele a quem Jesus chamava, com plena intimidade, de Pai. Quando os discípulos pediram ao Senhor que os ensinasse a rezar, Jesus lhes disse simplesmente: “*Quando orareis, digam: Abba.*”

Chamar a Deus dessa maneira significa ter a certeza de que Ele nos ama. Uma certeza que não brota da sabedoria humana, mas sim de uma íntima convicção. Temos a impressão de haver chegado a esta certeza, pela fé, ao término de uma série de reflexões, meditações e vozes interiores mas, ao fim e a cabo, esta certeza é um dom. Cremos neste amor infundido em nosso coração porque é proveniente do mesmo Pai que o enviou o seu Espírito e, desde então, seu Filho está glorificado.

Posso dirigir-me ao Pai com plena segurança e confiança pelo amor que Ele tem por mim. O apoio do Pai, certamente, não é decorrente de meus méritos, mas creio na infinita ternura do *Abba* de Jesus para com seu Filho, que da mesma forma, é meu *Abba* também.

O que significa Ele ser o Pai? É por conta da vida que Ele nos dá. Porém, não a dá como algo diferente de si, pois a dá entregando-se. O maior presente que Ele nos dá é a sua própria pessoa, cujo resultado é o seu próprio Filho, a quem ama infinitamente e sente profunda ternura e, em resposta, o Filho sente o mesmo pelo Pai.

Esse é o Abba a quem hoje me refiro. O único que pode me dar uma vida que é cópia exata da sua; fazendo-me sua própria imagem e semelhança e não apenas uma similitude de externa aparência, pois gerou-me a partir de sua própria essência.

Eis o que quero dizer quando Lhe peço: “*Santificado seja o teu nome, Abba*”. Que sejas tu mesmo, Abba, dentro de mim. Que teu santo nome se realize na relação perfeita que se estabelece entre nós. Abba, peço-te que sejas meu Pai, que me faça a sua imagem e semelhança por puro amor, para que, em resposta, e por pura gratuidade tua, eu possa chegar a te amar.

A oração do coração consiste simplesmente em encontrar o caminho que me possibilita ter respeito ao Pai de tal forma que, por tal atitude, eu possa receber a graça de ele próprio santificar seu nome em mim. Em mim e em todos os seus filhos. Em seu único filho composto por ele e por todos os seus irmãos.

Orar é acolher o Pai, é participar ativamente desta vida que Ele nos dá pela graça. Acelhe-lo como Pai é permitir que Ele gere seu Filho e dê à luz do seu reino no meu coração. Desta forma, o Espírito poderá estabelecer vínculos indestrutíveis entre mim e o Pai, uma relação de unidade que se estenderão a todos os meus irmãos.

**3 – VER POR INTERMÉDIO DO CORAÇÃO**

Que caminho devemos tomas para chegarmos a esse encontro tão desejado com o Pai? Quais os instrumentos que foram colocados a nossa disposição para tal encontro? Seria a inteligência, como capacidade de conhecimento e de reflexão? Escutemos a resposta do próprio Jesus:

Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado. (Mt 11,25-26)

Parece-nos estranho que este desejado caminho esteja fechado aos inteligentes e aos entendidos, aos pensadores e àqueles que habilmente sabem calcular. Não são para estes que Deus tem desejados revelar seus segredos. Porém, Deus não nos deu a todos a capacidade re reflexão, de ver as coisas como são como meio para que nos coloquemos em contato com o outro?

De fato, tais faculdados a nós entregues por Deus são boas, são indispensáveis. Não devemos despreza-las, muito menos as desperdiçar. Devemos sim, porém, reconhecer suas limitações.

Quando penso em um problema, ou mais precisamente em uma pessoa próxima, com minha mente e não com meu coração, mantenho-na distante. Envolvo minha vontade sem com ela me comprometer. No fundo, não me envolvo, mantendo-me à distância e conservando o meu respeito seguro por essa pessoa.

Posso fazer de tudo para conhecê-la, sem, no entanto, deixar-me “contaminar” com o dinamismo que poderia emanar de seu coração. Eu quero permanecer livre com relação a isso. Em certos casos, esse método de relacionamento pode ser bom, mas se o que eu quero é amar, certamente esse não é o caminho a seguir.

Jesus nos ensinou:

Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo. (Mt 11,27).

“*Todas as coisas me foram dadas por meu Pai*”. Isto quer dizer que entre o Pai e o Filho estão suprimidas todas as distâncias. Nenhum dos dois conservaram sua segurança diante do outro, assumindo envolver-se, plenamente, de forma recíproca, conhecendo-se um ao outro com o conhecimento de amor que se apresenta como um ministério que só os iniciados podem participar. “*Ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho*” Ninguém o conhece porque ninguém abre plenamente seu coração a Ele. Se queremos conhecer o Pai, temos que aceitar o fato de que devemos receber este conhecimento do Filho, na medida em que Ele vê que nosso coração está preparado para O receber.

Para que eu verdadeiramente conheça Deus, tenho que renunciar as minhas garantias. Eu tenho que eliminar as distâncias que o pensamento e o mundo material impõem entre mim e Ele. Tenho que admitir que sou vulnerável, o que, tão frequentemente, costumo esconder tão bem. Tenho que aceitar em plena luz do dia, vivê-lo, isto é, deixar que as verdadeiras reações de meu coração sejam expressas. A partir desse momento, terei a oportunidade de entrar em contato com o Pai e o Filho ... e com todos os meus irmãos.

Isto significa - na realidade concreta - que eu tenho que aceitar colocar-me no nível do meu coração. Eu tenho que dar-lhe o direito de existir, expressar-se, expressar-se a seu modo, isto é, através de sentimentos profundos: confiança, alegria, entusiasmo, mas também medo, às vezes angústia, raiva. Isso não significa que tenhamos de viver ao nível da sensibilidade superficial. Pelo contrário, significa que devemos aceitar que esses movimentos profundos estão se desenvolvendo em nós e que nos levam a encontrar o verdadeiro rosto do outro. Isso é ser “pequeno”, expressar-se espontaneamente e deixar ser amado por aquele que está diante de nós. Quão difícil é ter a coragem de ser pequeno!

Essas reflexões que se situam no contexto do Evangelho também encontram seu lugar em um processo psicológico normal. Os dois níveis são obviamente diferentes, mas eles se completam e se interpenetram. Temos que aprender a alcançar tudo por intermédio do olhar de amor de Jesus para todas as suas criaturas e até mesmo para as pessoas divinas. Isso é o que eu chamo de “ver com o coração”, ou seja, aceitar que o Filho revela-me o Pai se sou capaz de assumir essa revelação, isto é, enquanto eu, e de acordo com a minha capacidade de ser humano, mantiver em mim, em meu coração, uma imagem da íntima relação que existe entre o Filho e o Pai.

**4 – PURIFICAÇÃO DO CORAÇÃO**

Não é necessário uma longa experiência da existência humana e menos ainda da vida espiritual para saber que estamos presos em um mundo imerso em uma desordem quase sem ajuste: pecados, desequilíbrios emocionais, feridas não curadas, costumes insalubre, etc. Tudo isso constitui as impurezas do nosso coração.

Observamos continuamente que a linguagem do nosso coração está situada no nível das emoções. Todos os desequilíbrios enumerados acima tornam-se fora do comum; eles parecem de forma quase desapercebida, destruindo-nos, e nos fechando a Deus, unindo-nos a uma espécie de automatismo do mal. E tudo isso vem do nosso coração.

Aquilo que sai da boca provém do coração, e é isso o que mancha o homem. Porque é do coração que provêm os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as impurezas, os furtos, os falsos testemunhos, as calúnias. Eis o que mancha o homem. (Mt 15,18-20)

Se eu quiser remover a sujeira do meu ser, primeiro eu tenho que purificar meu coração.

Diante dessa necessidade urgente de retificação, geralmente nos voltamos para o que podemos chamar de “ascetismo clássico”. É uma técnica que vem sendo comprovada na prática por numerosas gerações de monges cristãos, homens de boa vontade, determinados a libertar-se da escravidão em que somos presos. É uma forma de ação que atrai todos os recursos de nossa vontade, nossa energia e nossa perseverança, iluminados pela fé e pelo amor. Asceses tem seus méritos e não há necessidade de abandoná-lo, mas também tem seus limites.

Particularmente em relação à autêntica purificação do coração, faz-se necessário irmos mais além das técnicas humanas. Atentemos ao convite feito por São Bruno a seu amigo Raul:

O que fazer então, querido amigo? O que fazer senão crer no conselho divino, crer na verdade que nunca engana? Efetivamente, esta adverte a todos: “Venham para mim todos os que estão sobrecarregados e eu vos aliviarei”. Não é verdade que é uma tristeza horrível e inútil estar atormentada pelos próprios desejos, punir-se sem piedade pelas preocupações e tristezas, o medo e a dor que dão vida a esses desejos? Que carga mais esmagadora que esta pode haver, cujo peso reduz injustamente o espírito de sua sublime dignidade ao mais baixo deste mundo?

Existe, pois, uma maneira de purificação a qual, antes de qualquer coisa, requer que nos dirijamos a Jesus, para que dEle recebamos alívio – “*Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas*”. (Mt 11,29)

A verdadeira purificação se produz a partir do momento em que as impurezas e desequilíbrios que me afetam são colocados diante de Jesus. Esta não é uma tarefa mais difícil do que a asceses clássica, mas é mais eficaz porque nos obriga a enfrentarmos a verdade: a verdade sobre nós mesmos que nos obriga a abrir os olhos sobre a realidade de nossos pecados; a verdade de Jesus que é o verdadeiro salvador de nossa alma não apenas de maneira geral e leviana, pois entra em contato imediato e concreto com cada uma das sugeiras que nos afetam. Faz-se necessário, então, que eu aprenda a oferecer-me a Ele, a entregar-me a Ele de forma desinteressada, por intermédio de um profundo movimento do meu coração que finalmente quer reencontrar sua verdadeira liberdade.

Toda vez que vejo em mim a presença de um desses laços que me paralisam, convenço-me de que o mais necessário não é declarar a guerra a esta servidão porque, na maioria dos casos, só cortaria os ramos sem chegar à raiz. O mais importante é extrair essas raízes, colocá-las à luz do dia, mesmo que sejam muito feias e muito desagradáveis. Trata-se de assumi-las como elas são e oferecê-las ao Senhor como um gesto livre e consciente. Nesta perspectiva, a invocação clássica: “***Jesus, Filho de Deus, tenha piedade de mim, pecador***”, não corre o risco de se tornar uma repetição vã. É a confirmação indefinidamente renovada de que um novo encontro entre o coração purificador de Jesus e o meu sujo coração está prestes a acontecer.

É evidente que neste processo existe um elemento de pura psicologia humana, mas o que é então o chocante? A graça sempre atua nas estruturas da natureza? Neste caso, torna-se o suporte da Redenção que realiza no meu coração a transformação e cicatrização das feridas em decorrência do encontro pessoal com Jesus ressuscitado. Assim, acostumamo-nos, pouco a pouco, a dirigirmo-nos sempre a Ele, especialmente quando se trata do que há de escuro e perturbador dentro de nós.

Esta atitude do coração inicialmente é assustadora. Frequentemente, somos ensinados que devemos oferecer ao Senhor apenas bons e belos desempenhos, pois todo o resto não faz parte das virtudes a serem apresentadas. Mas isso não seria contra o Evangelho? O próprio Jesus afirma que não veio para curar os saudáveis, mas sim os doentes. Devemos aprender, então, sem vergonha, ser autênticos doentes diante do médico divino que reconhece lealmente tudo o que temos de falso, enganador e contrário a Deus. Ele é o único que pode nos curar.

1. Primeira parte do texto traduzido pelo Rev. Frei João Milton Menezes, cujo original está disponibilizado no site <https://textosmonasticos.wordpress.com/la-oracion-del-corazon/>. Aos seus responsáveis, nossos agradecimentos. [↑](#footnote-ref-1)